

## CAPÍTULO XII

### A IGREJA

Onde dois ou três estão congregados em meu nome, ali estou no meio deles. – Mat. 18:20

Creio na Santa Igreja Católica. – Credo dos Apóstolos.

Creio na Santa Igreja Cristã – Martinho Lutero

Se os protestantes dependem das Escrituras para justificar o sistema protestante, os católicos romanos dependem, para justificar o romanismo, da fórmula que adotam no definirem a igreja, e dos ensinamentos desta. Pretendendo que a Igreja Cristã e o organismo romano sejam uma e a mesma corporação, insistem os romanistas em que a tal organismo foi dada do Alto autoridade para declarar, de modo infalível, o que a verdade cristã seja ou deixe de ser. A parte do organismo, o indivíduo não possui direito que o habilite a determinar por si mesmo qual seja a verdade cristã e o que ensinam as escrituras. Os pronunciamentos da igreja são finais. Eles não se discutem. Isto é o que o dr. Emmons tinha em mente quando, após dizer que “o Presbiterianismo conduz ao Episcopado e o Episcopado leva ao Catolicismo Romano”, acrescentou: “e o Catolicismo Romano é um fato consumado”. *Obras*, 1:163.

**§ 1. A importância do assunto.**- De todas as doutrinas que o sacerdócio é obrigado a divulgar, a doutrina da igreja é, segundo o Catecismo tridentino, a que deve ser mais frequentemente ensinada – *omnium frequentissime*. Para usarmos das palavras de um moderno escritor católico romano, “a doutrina da igreja é o gongo sobre que gira toda nossa controvérsia com o Protestantismo. É impossível que alguém aceite a verdadeira doutrina da igreja e seja ao mesmo tempo herético”. Por outro lado, o sistema protestante exige que a doutrina que deve ser apresentada acima de todas as outras é Jesus Cristo, e este crucificado. Conhecendo a Cristo e nele crendo, é impossível, sustenta o protestante, que o homem seja herético e perdido.

A igreja se tornou pela primeira vez assunto de estudo independente com Cipriano, morto em 258, em sua obra *A Unidade da Igreja*. Dois séculos depois, Agostinho, em sua controvérsia com os Donatistas, discutiu a igreja em suas funções e sob todos os aspectos. O terceiro período da discussão foi na época de Wyclif e Huss. O quarto período se abriu na era que se iniciou com Lutero e Calvino, e nele mais tarde se incluem Hooker, Field, o cardeal Belarmino e outros. Entre os povos de língua inglesa,

o último período de discussão foi o do movimento de Oxford, época em que a natureza e funções da igreja de novo se tornaram objeto de exame. Foram suas convicções acerca da igreja que levaram Newman a se passar para Roma. Em 1844, Newman escreveu a Klebe: “Por dois anos e meio, tornou-se em mim cada vez mais urgente e imperativa a convicção de que a comunhão romana é a única verdadeira igreja. Essa convicção me sobreveio quando eu lia os Padres”. Um ano depois, em seu livro “Desenvolvimento da Doutrina Cristã”, ele identificou a igreja com a organização católica romana. Quando mandou chamar o padre Domingos para o receber na comunhão romana – 7 de outubro de 1845 – escreveu que era “no único aprisco verdadeiro do Redentor” que ele pedia ser admitido.<sup>1</sup> No que se refer às decisões papais, Leão XIII trata mais frequentemente da definição e funções da igreja do que talvez tenha feito qualquer outro pontífice. Seu mais importante documento versou sobre a unidade da igreja – *De unitate ecclesiae*. – *Obras* – 6:156-189.

**§ 2. A palavra “igreja” nas escrituras.-** É de importância primacial descobrir o que se quer dizer quando a palavra *igreja* aparece no Novo Testamento. Ela ocorre apenas três vezes nos Evangelhos e todas em Mateus, com o intervalo de dois versículos. Mateus coloca nos lábios de Cristo estas palavras: sobre esta pedra edificarei minha *igreja*”; e: “se ele recusar ouvi-los, dize-o à *igreja*; e se também recusar ouvir a *igreja*, considera-o gentil e publicano” – Mat. 16:18, 18:17. Por outro lado, os termos usados por nosso Senhor para designar o regime que ele veio estabelecer, foram o *Reino dos céus*, e o *Reino de Deus*, que aparecem em Mateus não menos de trinta e seis vezes, sendo também usado em Marcos, Lucas, Atos, por S. Paulo e no livro do Apocalipse. As expressões *igreja* e *Reino de Deus* não são sinônimas. Em muitas passagens seria disparatada a substituição de uma pela outra. Na oração Dominical, dificilmente poderíamos pedir: “Venha tua igreja”, nem poderíamos empregar a palavra igreja na passagem: “o Reino de Deus não vem visivelmente... ele está no meio de vós” – Lucas 17:20-21. Segundo sua apresentação nas parábolas, o Reino de Deus é um poder, uma atmosfera de piedade, uma disposição, um tesouro, assim como também um grupo de pessoas sob um governo. Como poder, nosso Senhor o comparou ao fermento, que leveda toda a massa. Como possessão, ele o comparou a um tesouro oculto num campo. Como Reino, foi dito ser difícil que o rico nele entrasse. Na parábola das bodas, o Reino do céu é comparado a uma sociedade de pessoas do mesmo espírito. Paulo tinha em mente as concepções de um poder e disposição espirituais, quando escreveu aos

## DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

---

Romanos que “o Reino de Deus não é comida, nem bebida, mas justiça e gozo e paz no Espírito Santo. A última coisa que se registrou acerca do Apóstolo, foi que ele estava pregando o Reino de Deus – Atos: 28:31.

A palavra *igreja* – *ekklesia* – segundo o uso comum do termo, significa uma reunião ou assembleia de pessoas, tal como o ajuntamento tumultuoso – *ekklesia* – de Éfeso, Atos: 19:32, 39. A idéia original da igreja cristã foi a de um grupo de pessoas cristãs, reunindo-se para mútua edificação. O uso da palavra como lugar de reunião ou edifício não ocorre no Novo Testamento e primeiro aparece no segundo século, quando Clemente de Alexandria fala de “ir à igreja”. A partir daquele tempo, a palavra possui duplo sentido, como a palavra *casa*, que ora significa edifício, lugar, ora significa a família <sup>(1)</sup>. A palavra *cristãos* pode substituir a palavra *igreja*, como quando se diz que Paulo e Barnabé foram acompanhados pela igreja, isto é, pelos cristãos de Antioquia, e foram recebidos em Jerusalém “pela igreja”, isto é, pelos cristãos daquela cidade, Atos 15:1-4. Um exemplo que mostra que o escritor de Atos sempre designava pela palavra *igreja* um grupo de cristãos, aparece em duas passagens que descrevem a atividade de Paulo como perseguidor – “devastando a igreja” e “respirando ameaças contra os discípulos do Senhor” – Atos 8:3, 9:1, 13.

No novo Testamento a palavra *igreja* era usada, ora em sentido lato, referindo-se a toda a corporação dos cristãos, ora em sentido restrito, referindo-se apenas a um grupo. A totalidade dos crentes estava compreendida, quando Cristo disse que edificaria sua igreja sobre a rocha e quando Paulo escreveu: “Eu persegui a igreja de Deus” – Gal. 1:13. A expressão “igreja de Deus” é usada uma vez em Atos e quatro vezes nas Epístolas de Paulo; e a expressão “igreja do Deus vivo” uma vez, I Tim. 3:15. A expressão “toda a igreja” ocorre três vezes, uma vez em conexão com a morte de Ananias e Safira e duas vezes em passagens em que a referência claramente parece ser feita ao corpo local de cristãos de Jerusalém – Atos 15:22 e Rom. 16:23. Em seu emprego restrito, a palavra é usada em referência a cristãos pertencentes a uma única família, como “a igreja em casa de Filemon”; vivendo numa única cidade, como “a igreja de Éfeso”; “a igreja em Smirna”, “a igreja em Sardis”, ou a grupos que cobriam determinado território, como “as igrejas da Galácia”, as “sete igrejas da Ásia Menor”, ou de uma comunidade ligada pela raça ou pela língua, como “as igrejas dos gentios”,

---

<sup>(1)</sup> Um exemplo do sentido duplo da palavra *casa* temo-lo em Atos 16:34. N. do T.

## DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

---

Rom. 16:4. A expressão “igrejas de Cristo” é usada uma vez no Novo Testamento, mas a expressão – “igreja de Cristo” – não aparece no livro.

As figuras usadas no Novo Testamento como representativas da Igreja são: rebanho, corpo humano, família, cidade, esposa, sugerindo, de um lado, dependência de Cristo como fonte de vida e objeto de devotamento; e, por outro lado, a fraternidade existente entre seus membros. Pedro também realçou a idéia de família, quando exortou seus leitores a amarem “a irmandade” – I Ped. 2:17, expressão comum na igreja primitiva, para designar os cristãos. Serapião se refere à igreja como “toda a irmandade”.

**§ 3. A Igreja no conceito dos Padres.**– O primeiro escritor entre os Padres, Clemente de Roma, ao falar da igreja de Deus, quer referir-se a todo o corpo de cristãos com residência numa localidade particular, como quando dirigiu sua epístola “da igreja de Deus estabelecida em Roma à igreja de Deus estabelecida em Corinto, aos que são chamados e santificados mediante nosso Senhor Jesus Cristo”. Ele usou a expressão “toda a igreja”, como fez também Inácio. O título “igreja católica” foi empregado pela primeira vez por Inácio quando escreveu aos cristãos em Smirna, dizendo que “onde Cristo está, aí está a igreja católica”, significando, sem dúvida, a mesma coisa que Clemente expressou pelas palavras – “toda a igreja”. Ireneu – *de haer.* 3:28 – seguiu a mesma trilha, ao declarar que “onde está a igreja aí está o Espírito Santo; e onde está o Santo Espírito de Deus, está a igreja e toda a graça”. Gradualmente foi-se desenvolvendo a idéia de que a igreja é uma corporação ou instituição que aceita certas fórmulas, ministra certas ordenanças e possui certas virtudes, em contraste com a concepção de igreja como um conjunto de crentes. Em sua *Unidade da Igreja*, Cipriano colocou a unidade do corpo de bispos, que ele caracterizou como sucessores regulares dos Apóstolos. É fatal a desobediência àqueles ministros. A lealdade à instituição parecia ter tomado o lugar da adesão pessoal ao Salvador. Cipriano, como antes dele o fizera Tertuliano, usava da arca como símbolo da igreja e substituiu a expressão deste – “fora de Cristo não há salvação” – *extra Christum nulla salus*, por esta fórmula perigosa: “fora da igreja – *extra ecclesiam* – não há salvação”. Em lugar da expressão de Inácio: “onde está Cristo, aí está a igreja”, Cipriano usou a expressão: “não há igreja onde não haja bispo” – *ecclesia est in episcopo*.

## DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

---

A idéia de Cipriano prevaleceu. A igreja veio a ser encarada como instituição investida de função pessoal e exclusiva. Ninguém pode com propriedade ser chamado cristão, se se não conforma com ela. A clericalização deslocou a aquisição de discípulos. O conceito forense estava, sem dúvida, na mente de Constantino, quando chamou a igreja “corporação dos cristãos” – *corpus christianorum*. Agostinho oscilou entre as duas concepções. De um lado, definiu a igreja como um organismo, procedendo dos Apóstolos, possuindo os sacramentos e a prerrogativa de, por meio destes, transmitir a graça. Por outro lado, definiu a igreja como o “agregado de santos, a soma de justos, o conjunto dos que foram predestinados, antes da fundação do mundo; o corpo dos eleitos”. Ele também aventou a idéia de que há uma verdadeira igreja e uma igreja “simulada”; e, como uma casa pode ter vasos de honra e vasos de desonra, assim a igreja é um “corpo misto”. Como os grãos no campo, de que fala a parábola, os pecadores e não-eleitos, assim como os fiéis e eleitos, guardam seu lugar nela, até o dia do juízo, participando dos mesmos sacramentos. Os não-eleitos estão na igreja, embora não pertençam a ela – *cum ecclesia et tamen non sunt in ecclesia*.

**§ 4. A concepção medieval de igreja.-** A definição sacramental e institucional prevaleceu na Idade Média: a igreja é uma corporação constituída de pessoas batizadas e investidas das qualidades pessoais que pertencem, num corpo governativo ou docente, ao sacerdócio. Esse conceito excluía os gregos, como cismáticos, embora fossem batizados. Em seu manual sobre os Erros dos Gregos, Tomaz de Aquino mencionou quatro, que os caracterizavam como cismáticos: negarem a processão do Espírito da parte do Filho, o uso do pão não levedado no sacramento, a negação do purgatório e da primazia do bispo de Roma. Hugo de S. Vítor, falecido em 1411, que viveu cem anos antes de Tomaz, definiu a igreja como “o corpo dos fiéis, a totalidade dos cristãos” – *universitas christianorum*; mas seu livro sobre os sacramentos mostra que pela expressão “os fiéis” ele entendia os que estavam de acordo com o sistema romano. Desviaram-se completamente dessa idéia dos Escolásticos – sendo, portanto, tratados como hereges – Marcílio de Pádua, Wyclif, Huss e outros escritores que reviveram a idéia espiritual de Agostinho, segundo a qual a igreja é uma comunidade de eleitos.

A bula de Bonifácio – *unam sanctam* – 1302, citando em abono da unidade da igreja o Cântico de Salomão – “meu pombal é um”, e usando a figura da arca, afirmou que a igreja não pode ter senão um piloto e um comandante, Pedro e seus

## DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

---

sucedores. Todas as ovelhas foram confiadas a Pedro; e os gregos, repudiando a superintendência do pontífice, confessam que não pertencem ao único rebanho. Na discussão que se seguiu ao pronunciamento do papa, duas proposições tremendas foram defendidas por Ockham, Marílio, Wyclif, Huss e outros, proposições que são as seguintes: que o batismo não torna o homem necessariamente membro da igreja e o papa não é essencial à sua existência. Esses escritores sustentaram que o organismo romano não é idêntico à igreja de Deus, mas uma parte dela. A “universal igreja católica”, como Ockham a designa, são “todos os fiéis, ou todos os homens fiéis que vivem, clérigos e leigos. Ela nunca pode errar, nem pode ser atingida pela heresia, nem pode sofrer cisão. É composta de diferentes membros, mas forma um só corpo, sejam gregos, latinos ou bárbaros, isto é, os que crêem em Cristo”. Marcílio d Pádua definiu a igreja como “todos os fiéis seguidores de Cristo, sacerdotes e não sacerdotes, tendo os indivíduos de ambas as classes direito igual a serem chamados eclesiásticos” – *virii ecclesiastici*. Wyclif, debruçado sobre Agostinho, disse que, como fora da arca de Noé, nenhuma carne se salvou, assim não há salvação fora da igreja católica; mas a igreja romana não é, entretanto, a igreja católica, mas uma parte da igreja católica. A unidade da igreja não está enfeudada no papado e a bula de Bonifácio devia ser denunciada, por fazer da obediência ao papa condição de salvação. Bonifácio havia colocado tal obediência em lugar da submissão às Escrituras. Ninguém que desobedeça às Escrituras pode figurar entre os eleitos. Uma pessoa – continua Wyclif – pode ser batizada e ainda ser reprovada, sendo que no número dos reprovados estão alguns dos pontífices, como a História claramente indica. A primeira acusação articulada contra Huss em Constança foi a de que definido a igreja universal como a reunião dos eleitos – *predestinatorum universitas*. Este artigo o caracterizou como herege.

O escritor francês Plaoul, 1406, definiu a igreja como sendo nada mais do que a congregação dos que vivem juntos em amor. Vide Haller, p. 345. Cincoenta anos mais tarde, João Wessel fez clara distinção entre a verdadeira igreja e a comunidade dos batizados, ao escrever: “Que é a Igreja? É a comunhão dos santos a que todos os verdadeiros crentes pertencem, os quais se acham unidos por uma fé, uma só esperança e um mesmo amor a Cristo”. Entretanto, iam os pontífices romanos fazendo valer a definição de Bonifácio. João XXII, por exemplo, na bula *sancta romana et universalis ecclesia*, tratou como idênticas a comunhão romana e a santa igreja católica.

## DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

---

**§ 5. A definição romana.-** A comunhão romana sustenta a definição medieval e sacramental, dando inteiro realce ao ofício papal como centro de unidade da igreja e sede final da autoridade religiosa. O Concílio de Trento, sem apresentar uma explícita definição de igreja, estabeleceu, em suas definições dos sacramentos que se encaravam como essenciais a ela o sacerdócio e outros dogmas. Aquele que nega essas definições, é excluído da comunidade cristã. O Concílio usou como sinônimos os títulos – “igreja de deus” e “igreja romana”. O Catecismo Tridentino definiu a igreja como “o conjunto de todos os fiéis que têm vivido na terra até agora, com uma cabeça invisível, Cristo, e uma cabeça visível, o sucessor de Pedro, que ocupa a sé romana”. Ficam excluídos dessa corporação os infiéis, heréticos e cismáticos, assim como as pessoas excomungadas, enquanto permaneçam sem absolvição. A igreja de Roma é a igreja inteira e todos os grupos dissidentes que professam ser cristãos, são colocados pelo Catecismo na mesma relação que existe entre um macaco, que se esforça por passar por homem, e o homem real.

A apreciação da igreja, feita pelo cardeal Belarmino, considerada a mais vasta porção de sua vasta obra, apresenta o conceito romano com inexcusável clareza. Após alinhar uma a uma as definições dadas pelos Donatistas, por Wyclif e pelos Reformadores Protestantes, definiu por sua vez a verdadeira igreja como “a companhia de todos os que estão ligados pela profissão da mesma fé cristã e pelo uso dos mesmos sacramentos, e estão sob o governo de legítimos pastores, principalmente do vigário de Cristo sobre a terra, o pontífice romano”. Explanando a definição, disse o cardeal que as marcas essenciais da igreja são: 1. Profissão da mesma fé cristã – sinal pelo qual todos os incrédulos, que nunca creram, são excluídos, como os turcos, os judeus e os pagãos, e todos os que creram e decaíram da fé, a saber, os heréticos e apóstatas. 2. Uso dos mesmos sacramentos, pelo que são excluídos os catecúmenos, que se preparam para receber os sacramentos, e todos os excomungados. 3. Obediência ao pontífice romano, pelo que todos os cismáticos são excluídos, embora possuam os sacramentos, tais como os cristãos gregos. Todos os demais estão incluídos na igreja, que compreende tanto pessoas más como boas, os enfermos assim como os sãos. Quanto à localização da comunidade, a verdadeira igreja consiste de três partes: a igreja militante, a igreja do purgatório e a igreja triunfante. Pelos três sinais de Belarmino, os protestantes, embora não citados pelo nome, estão destituídos de qualquer esperança de pertencerem à comunhão dos salvos, caso perseverem em sua “rebelião”. A “fé” – deve-se entender –

## DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

---

de que fala Belarmino, é o sistema doutrinário católico romano e não a salvadora confiança da alma em Cristo.

A definição de Belarmino é, em substância, senão nas próprias palavras, repetidas pelas modernas autoridades romanas. O Catecismo Plenário de Baltimore, à pergunta: “Que é a Igreja?”, responde: “A igreja é a congregação de todos os que professam a fé de Cristo, participam dos mesmos sacramentos e são governados por seus pastores legítimos, sob um chefe visível”. À pergunta: “Quem é o santo padre?” – responde: “O papa, o bispo de Roma, o vigério de Cristo sobre a terra”. O Catecismo de Pio X, depois de estabelecer que “a igreja é uma sociedade de verdadeiros cristãos, que são os batizados que professam a fé e a doutrina de Jesus Cristo, participam dos mesmos sacramentos e obedecem aos pastores designados por ele”, declara ser o pontífice romano sucessor de S. Pedro e identifica “a igreja de Jesus Cristo com a Igreja Católica Romana, porque somente ela é uma, santa, católica e apostólica, como Jesus Cristo ordenou que ela fosse”. O catecismo passa depois a dizer que há muitas sociedades religiosas fundadas por homens, que falsamente usurparam o nome de “igreja”. Os papas recentes reafirmaram a atitude que identifica a igreja romana com a igreja de Cristo e torna essencial a obediência ao papa para que o homem seja membro dela. Em sua bula *Unigenitus*, Clemente XI, 1713, condenou a definição segundo a qual a igreja católica não é mais do que uma sociedade de filhos de Deus, redimidos pelo sangue de Cristo; que todos os seus membros são santos – *sanctos* – e que o que vive uma vida de amor tem “a Deus como seu Pai e a Cristo como cabeça”. Repetidamente Leão XIII, como a 22 de janeiro de 1899, reafirmou que a igreja é “uma, tendo seu centro e base estabelecidos por Deus na sé apostólica, porque onde está Pedro, aí está a igreja”.

**§ 6. A definição Protestante.-** A definição dada pelos reformadores Protestantes foi baseada nas Escrituras. Ela reproduz o conceito espiritual de Agostinho, que declarou ser requisito prévio e sinal da condição de membro da igreja a eleição por parte de Deus. Lutero identificou a igreja cristã com a comunhão dos Santos inscrita no Credo dos Apóstolos. O papado não é de investidura divina. As formas de governo humano – presbiteriana, anglicana ou congregacional, são de importância secundária. João Eck estava com a verdade quando, logo após a disputa de Leipzig, escreveu que Lutero negava que a igreja estivesse edificada sobre Pedro. Ele concluiu corretamente que Lutero pretendia incluir no plano de salvação crentes gregos e cismáticos – Smith:



## DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

---

Cor. 1:205. Segundo a definição de Calvino, “a igreja é o corpo dos eleitos, a que pertencem muitos que foram iluminados pelo Espírito, sem a pregação do Evangelho”, ou, como definiu em seu Catecismo – “A igreja é o corpo e sociedade dos que crêem, os quais Deus ordenou e escolheu para a vida eterna”. Longe de depreciar a igreja, Lutero declarou que não há verdade, nem bênção fora dela. Lutero e Calvino, condenando as condições da igreja, censuraram a hierarquia, ou “igreja docente”, e não a comunidade dos crentes em Cristo.

Se nos voltarmos para os Reformadores ingleses, encontraremos Tyndale – *Resposta*, págs 30-42 – tratando como “a igreja de Cristo toda a multidão de pecadores arrependidos, que crêem em Cristo e depositam sua confiança na misericórdia de Deus”. O bispo Hooper – *Últimos Escritos*, p. 41 – que tinha estado em Zuric, afirmou que “a igreja, invisível aos olhos do homem, é conhecida de Deus e a mesma igreja é unida no coração, vontade e espírito pelo laço da fé e da caridade”. A definição protestante oficial, segundo foi expressa na Confissão de Augsburgo, 1530, nunca foi excedida: “A igreja é a congregação dos santos, na qual o Evangelho é corretamente ensinado e os sacramentos corretamente administrados”. Com esta definição concordam os XXXIX Artigos quase literalmente: “A igreja visível de Cristo é uma congregação de fiéis, na qual se prega a pura Palavra de Deus e os sacramentos são devidamente administrados, segundo a ordenação de Cristo, em todas as coisas que necessariamente se requerem dos mesmos”. Um século depois, Richard Field – *Da Igreja*, pág. 11 – respondendo às definições de Stapleton e Belarmino, disse que “A igreja é o conjunto daqueles a quem Deus separou do resto do mundo pela operação de sua graça e chamou à participação da felicidade eterna, pelo conhecimento das verdades sobrenaturais que ele revelou em seu Filho, e através de outros meios preciosos que ele ordenou para aperfeiçoar a obra de sua salvação, etc.”.

**§ 7. As definições Protestante e Romana comparadas.-** Os Protestantes e os Romanistas concordam em que Cristo estabeleceu a igreja, Diferem, entretanto, no seguinte: 1. A definição romana identifica “o reino de deus” e “a igreja”, como fez Prierias em sua respostas a Lutero. A definição romana faz depender da obediência ao pontífice romano , como suposto vigário de Cristo, a condição de membro da igreja. Os protestantes fazem clara distinção entre o Reino de deus e a igreja. A verdadeira igreja não possui outro chefe senão Jesus Cristo e só a ele os crentes devem sujeição. 2. A definição romana inclui um reino intermediário, chamado Purgatório, cuja existência os

## DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

---

protestantes negam. 3. Os romanistas rejeitam a distinção entre a igreja invisível e a igreja visível, que os protestantes reconhecem. Belarmino afirmou que a igreja é tão visível e palpável como a comunidade romana, a república de Veneza ou o reino de Nápoles. Embora o governador esteja ausente, seu regente, o pontífice romano se vê e sua voz se ouve. A distinção protestante entre a igreja visível e a igreja invisível se acha definida na Confissão de Westminster: “A igreja católica ou universal, que é invisível, consiste da totalidade dos eleitos, e é a esposa, o corpo, a plenitude daquele que é tudo em todos. A igreja visível, que é também católica ou universal, não se limitando a nenhuma nação, consiste de todos os que, através do mundo, professam a verdadeira religião, juntamente com seus filhos, e é o reino do Senhor Jesus Cristo, fora do qual não há possibilidade ordinária de salvação”. A distinção parece ter por si a autoridade de Paulo – Rom. 2:26-29 – que asseverou que todos os que são de Israel não são Israel, podendo haver uma circuncisão exterior, na carne, onde não haja mudança de coração. Como havia um Israel carnal, que Cristo condenou, e um Israel espiritual, assim há uma igreja nominal e uma igreja real, o corpo exterior dos aderentes da igreja, cujos membros podem ser contados, e o corpo místico de Cristo, “a plenitude daquele que é tudo em todos” – Efé. 1:23. Como Wyclif recordou – *de eccl.* P. 89, - “uma coisa é ser da igreja e outra coisa é estar na igreja” – *aliud esse de ecclesia et aliud esse in ecclesia*. Judas e Ananias possuíam as marcas externas, sem a realidade da condição de membros da igreja. Por outro lado, Jó e Melquisedec pertenciam à igreja de Deus, embora lhes faltasse o sinal exterior da circuncisão. A igreja invisível ou a sociedade dos eleitos, só Deus infalivelmente a conhece – II Tim. 2:19. Seus membros dependem da vocação e eleição de Deus e o batismo ministrado pelas mãos humanas não é um requisito que não admita exceção.

4. A definição romana substitui o antigo moto de Tertuliano – fora de Cristo não há salvação, e o de Cipriano – fora da igreja não há salvação, pela máxima: “Fora da Igreja Romana não há salvação” – *extra ecclesiam romana nulla salus*. Isto foi dado a entender pelo quarto Concílio Lateranense, 1215, quando declarou: “A igreja universal dos fiéis” é uma comunhão “fora da qual ninguém será salvo de modo nenhum”, *extra quam nemo omnino salvatur*. Em 1441, Eugênio IV afirmou que “a santa igreja romana plenamente crê que os que se acham fora dela, pagãos e judeus, hereges e cismáticos, não podem tornar-se – *fieri non posse* – participantes da vida eterna, mas irão para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos”. Pio V iniciou sua fulminação contra

## DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

---

Isabel, declarando que “fora da única Santa Igreja Católica e Apostólica”, no governo da qual Deus colocou o pontífice romano, “não há salvação”. No século XIX Gregório XVI aduziu à afirmação de que os homens “somente se salvam na religião católica”, a declaração de que “os que morrem na heresia não podem alcançar a vida eterna”. Seu sucessor, Pio IX, em suas alocuções de 9 de dezembro de 1854 e 10 de agosto de 1865, afirmou ser “o mais seguro dogma e matéria d fé, que fora da igreja apostólica romana a ninguém é possível salvar-se, e os que resistem a sua autoridade e obstinadamente se subtraem à sua unidade, separando-se do sucessor de S. Pedro, não podem alcançar a vida eterna”.<sup>2</sup>

Por outro lado, tem sido princípio protestante, desde os primeiros tempos, reconhecer a comunhão romana como parte da igreja cristã. Disse Lutero que “em qualquer paróquia em que se batizam crianças, prega-se o Evangelho e se proclama a Cristo, aí está a igreja”. Outra vez diz ele: “Reconhecemos que há sob o papado muita coisa boa e cristã, e até tudo quanto é bom e cristão, as Santas Escrituras, o batismo válido, válido sacramento do altar, as chaves do perdão de pecados, verdadeira pregação e verdadeiro catecismo. Por isso digo que sob o papa existe verdadeiro cristianismo e muitos piedosos e grandes santos”. Em seu Catecismo Maior, ele definiu o caso de modo mais abrangente, ao dizer que fora do Cristianismo – *extra Christianitatem* – não há remissão de pecados. Os Padrões reformados, ao assentarem os termos da redenção, regressaram ao velho moto: “Fora de Cristo não há salvação” – *extra Christum nulla salus*. A Segunda Confissão Helvética diz: “Cremos que fora de Cristo não há certeza de salvação”. Durante o estabelecimento da Reforma, era costume de aderentes do novo sistema, na Inglaterra, usar da expressão “igrejas particulares” para designar as diferentes comunidades eclesiásticas, como Wyclif e Huss tinham feito antes. O “Livro do Rei”, 1543, fala da Igreja da Inglaterra e outras conhecidas igrejas particulares, em que o nome de Cristo é verdadeiramente honrado e que sejam membros de toda a igreja católica, no caso em que simplesmente professem e ensinem a fé e a religião de Cristo, segundo as Escrituras e a doutrina apostólica”. O “Livro do Bispo”, 1537, havia falado da “Igreja de Roma com todas as igrejas particulares do mundo, que se estreitam e unem para formar e constituir apenas uma comunidade católica”. Os protestantes seriam infiéis ao seu passado, se negassem que a igreja romana seja parte da Igreja de Cristo.

5. A definição protestante se conforma de modo mais íntimo com a natureza espiritual do Cristianismo, que, segundo o Novo Testamento, é, antes, matéria de

## DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

---

vontade e afeições, uma disposição e um propósito, do que uma série de observâncias exteriores e fórmulas teológicas. Paul orava por que “Cristo habitasse em nossos corações pela fé”. Belarmino, como já se disse, encontra motivo de objeção contra o Protestantismo no fato de este dar proeminência às disposições internas e espirituais, enquanto que o catolicismo dá realce aos sinais exteriores e cerimoniais.

6. A definição protestante alarga as fronteiras da comunidade e aumenta o número dos que são herdeiros da salvação. Se a obediência ao papa e os Decretos Tridentinos é condição de recepção dos benefícios do Evangelho, multidões de homens e mulheres de bem e conscienciosos estarão perdidos para sempre, por terem deliberadamente rejeitado o papa e aqueles decretos. Se, por outro lado, como sustentam os protestantes, a divina eleição é que determina quais os que receberão os benefícios do Evangelho, então o número dos salvos não depende de estatísticas humanas. Em suas *Institutas*, Calvino fala da ovelha fora do aprisco da igreja. Zwinglio adiantou-se não só em relação a seu tempo, mas em confronto mesmo com os colegas da Reforma, quando, baseado na graça predestinada por Deus, explicitamente incluiu entre os salvos não só os homens bons do mundo clássico, que não tiveram oportunidade de ouvir o Evangelho, mas também os filhos de pagãos que morreram na infância. A mais larga abrangência geográfica que, a partir do século XVI, a sociedade tem conquistado, torna cada vez mais difícil crer na definição católica romana, que faz da obediência ao papa a condição de pertencer o homem à igreja de Cristo. Pela concepção protestante, o tremendo problema do destino final de milhões que nunca ouviram de Cristo, encontra pelo menos uma solução provável, que concorda com a infinita misericórdia de Deus. Pela concepção romana oficial, não há esperança para homens como Washington, João Marshall, Lincoln e McKinley, tendo todos estes conscientemente rejeitado os dogmas romanos característicos. O mesmo será verdade em relação a homens como Roger Williams e Jônatas Edwards, Charles Hodge e bispo Brooks. O recente escritor Straub, em sua obra erudita sobre a igreja – 2:307 – continua a defender a histórica definição romana e afirma que a igreja não pode ser acusada de severidade cruel, excluindo da salvação as crianças não batizadas que morram na infância e os membros das seitas falsas – *falsas sectas*.

7. A concepção protestante da igreja é a concepção escriturística; a romana é produto de especulação teológica e elaboração eclesiástica. A passagem do Novo Testamento que mais se aproxima de uma definição foi formulada por Cristo, quando

## DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

---

disse: “Onde dois ou três estão congregados em meu nome, ali estou eu no meio deles” – Mat. 18:20. Um grupo de pessoas que se reúnem em nome de Cristo e no meio das quais Cristo esteja, deve constituir uma igreja. Desde muito tempo, Tertuliano, segundo a definição de Cristo, dizia que, onde estão três, mesmo que sejam leigos, aí está a igreja – *ubi três sint ibi ecclesia, licet laici*. O manual italiano para explicar o Catecismo de Pio X, diz que a igreja romana é a única igreja e os protestantes não podem ser parte dela, porque “eles não possuem santidade e não reconhecem a única fundação de Jesus Cristo, mas a fundação de Lutero, Calvino e Henrique VIII, homens rebeldes e de vida viciosa, cruel e adúltera”. Rompendo com a idéia medieval, Lutero, em sua *Carta à Nobreza Alemã*, ilustrou a verdade tão bem quanto o fizera Huss antes dele, ao dizer que, “se uma pequena sociedade de leigos cristãos forem arrebatados e conduzidos a um deserto, e não houver entre eles um sacerdote consagrado por um bispo, e se concordarem em eleger um para absolver pecados e pregar, esse homem será tão verdadeiramente sacerdote como todos os bispos e todos os papas o tivessem consagrado, e tais crentes constituiriam a igreja naquela localidade”. O segredo da condição de membro da igreja se acha implícito na resposta dada a uma pergunta formulada pelo missionário morávio, Spangenberg, a João Wesley, nesse tempo capelão Anglicano na Geórgia: “Conheces a Jesus Cristo?” Para os protestantes de hoje, o derradeiro critério humano de reconhecimento da condição de membro da igreja é uma atitude adequada para com Cristo, como Salvador e Senhor, como se faz ele conhecido nas Escrituras. Sendo as condições de membro da igreja uma disposição de coração e virtuosa conduta diária, os protestantes aceitam o conceito de Ireneu, quando disse: “A coluna e o firmamento da Igreja são os Evangelhos e o espírito de Vida” – *de haer.* 3:11, 8.

### **Bibliografia e Notas**

Católicos romanos: - Tomaz de Aquino: *contra errores Grecorum*, ed. Por Reusch, com textos grego e latino, 1889. – Cat. Tridentino. – Belarmino. – Leão XIII: *de unitate eccl.*, Works 5:156, 189. – Newman: *Devel. of Doctr.*, etc. – Straub de Innsbruck: *de eccles.* – Card. Gibbons, pp. 74-92. – Wilhelm e Scannell, 2:285-351. – Prots.: Wyclif: *de eccl.*, pp. 600, - Huss: *the Church*. – Augsb., II Hel. E Westminster, XXXIX Arts. – *Notes of the Ch., as laid down by Card. Bellarmine*. – Hatch: *Growth of Crist. Institutions*, 1887. – Mort: *The Chr. Ecclesia*, 1897. – Gore *The Ch. and the Ministry*, 4<sup>a</sup> ed., 1899. – Lindsay: *The Ch. and the Ministry in the Early Centt.*, 1902. –

## DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

---

Briggs: *Unity of the Chr. Ch.*, 1909. – Rashdall: *Christus in ecclesia*, 1912. – Swete: *The Holy Cath. Ch.*, 1915. – Headlam *Doctr. of the Ch. and Reunion*, 1920.

1. Ward: *Life of Newman* 1:88,94. Encarregando a Dalgairns de falar ao padre Dominic de seu propósito, disse Newman: “Eu o desejo para receber-me na igreja de Cristo”. Vide também o vol. Birmingham Oratory, p. 313. Escrevendo a Henry Wilberforce, disse Newman: “É profundamente maravilhoso que uma pessoa de vosso claro intelecto, possa seduzir-se com a noção de que uma parte da cristandade, que tem sido desaprovada por todas as partes, pelo Oriente e pelo Ocidente, por 300 anos, e não é parte de nenhuma comunhão existente, mas um todo em si mesmo, seja, não obstante, porção de alguma outra comunidade visível que existe, embora o não seja dos dois organismos existentes, Grego e Latino”. Ward 1:129.

2. Pio IX, segundo foi citado por Straub 1:307, *notissimum est cath. dogma neminem extra cath. eccl. posse salvari*, etc. O Ensino dos Doze Apóstolos faz distinção entre igreja e reino de Deus: “Permite que tua igreja seja congregada dos confins da terra em teu reino”.